

Os Moradores da Praça: Uma Perspectiva Fotoetnográfica dos Desabrigados da Praça Regina Frigeri Furno (Vitória- ES).

Júlia COUTO¹

Mariah DADALTO²

Tadeu BOUSADA³

Thainá DUQUE⁴

Rosane ZANOTE⁵

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

No Presente artigo faz-se uma análise da praça como um locus de comunicação, tendo como objeto de estudo os moradores de rua que de alguma forma cultivam alguma relação com este terreno. A partir dos relatos pessoais dos indivíduos, coletados especificamente na Praça Regina Frigeri Furno na cidade de Vitória (ES), estabelece-se uma análise fotoetnográfica que visa não só investigar a interação de um determinado grupo em um contexto territorial, mas seu desdobramento conjuntamente a outros agentes que se inserem no mesmo espaço.

Palavras-Chave: **Praça, Moradores de Rua, Etnografia, Fotografia.**

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta a análise, feita a partir de uma investigação com viés social, sobre a relação dos moradores de rua em um espaço comunitário, como a praça. Para tal, adotamos a Praça Regina Frigeri Furno como objeto de pesquisa, por ser, dentre as sete praças que compõem o Bairro Jardim da Penha em Vitória- ES, uma das centrais e de grande relevância cultural, social e política.

¹ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade da UFES, email: julia.couto9@gmail.com

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFES, email: mariahdadalto@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade da UFES, email: tadeubousada@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Publicidade da UFES, email: duquethaina@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora de Comunicação Social da UFES, email:

Após a definição do espaço a ser estudado foi feita a observação da praça em questão, bem como dos agentes que nela se inserem. Buscamos relatos pessoais e fotográficos de moradores de rua que percorrem tal complexo, buscando descobrir para além de suas histórias como sem-teto, a conexão de tais indivíduos com aquele local e todos os setores sociais nele envolvidos.

Com base nos dados levantados, refletimos sobre a convivência entre as partes desiguais que circundam o referido espaço público e as implicações dessa relação para uma nova conjuntura das praças urbanas. Dessa forma, traçamos um paralelo entre os relatos coletados e estudos referentes ao sentido de praça como centro de comunicação.

PRAÇA COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO

O sentido etimológico de “praça” traz consigo os mais diversos significados sejam eles relacionados à questão geográfica, mercantil ou paisagística. Porém, o significado que iremos abordar é referente a um espaço amplo e público que fornece convivência e entretenimento para seus frequentadores.

A origem sociológica da praça deriva das ágoras⁶ no período greco-romano antigo, relacionada também ao nascimento da democracia ocidental. A função desse espaço urbano consistia em sustentar e reforçar a “materialização de ideias”, fomentar debates e pautar reflexões, pois eram em tais ambientes que ocorriam encontros envolvendo diversos setores sociais que colocavam em discussão diretrizes políticas referentes a Atenas.

Após estabelecer-se como um terreno em que se debatiam, sobretudo, questões públicas, as praças começaram a adquirir importância cultural paralelamente à evolução da economia. Desse modo, tal ambiente passou a ser visto como centro comercial das cidades levando em conta a crescente aglomeração de feiras artesanais que se desenvolviam ao seu redor. Esse lado compositivo, capaz de complementar a estrutura geográfica e social de uma cidade, a caracteriza como transmissora dos diversos tipos de relações sociais, intra e interpessoais.

A relação entre os fatores da vida social (política, religião, armas, crença, raça) é variável historicamente; cada grande época, cada grande conjuntura social, reordena os elementos da vida coletiva. No mundo dito ocidental, o predomínio histórico da burguesia surgiu paralelo com a consolidação do capitalismo como

economia expansiva e acarretou a gradual subordinação de muitos dos conteúdos da vida social às pautas econômicas. (SALDANHA, 2003:74).

Dito isso, seu papel na construção social não está restrito a parte geográfica, visto que os próprios elementos da praça fortalecem e incentivam sua função para com a sociedade. Uma vez que as relações interpessoais são estabelecidas e fortalecidas, o fluxo comunicativo nesse elemento passa a ser reforçado e enriquecido com o passar das gerações e a renovação constante dos seus frequentadores.

URBANIZAÇÃO DE VITÓRIA E SEU REFLEXO SOCIAL

O centro urbano de Vitória se desenvolveu de forma bastante lenta até meados do século XX. Campos Junior (1993) relata que até então a cidade carecia de investimentos em urbanização, ainda que a capital se estabelecesse como centro comercial do estado. Após um processo de revolução industrial iniciado nos anos 50, a urbanização capixaba se intensificou, apoiada nos excedentes de produção e na acumulação de capital.

São resultantes desse processo essencialmente capitalista os grandes males sociais que puderam ser observados em nosso estudo. Por falta de iniciativas de reparação social, a má distribuição da riqueza se perpetuou e tornou o acesso à renda, qualidade de vida e oportunidades desigual entre a população, acentuando, dessa maneira, os problemas da estratificação e da exclusão social.

No período entre 1960 e 1970, o programa de erradicação dos cafezais também contribuiu para a concentração de investimentos na capital e para o progresso da atividade industrial. Além de desempregar aproximadamente 50.000 trabalhadores rurais, a erradicação fez com que essa população expulsa migrasse para os centros urbanos. Segundo Tadeu Dadalto (1996), essa situação favoreceu a emergente industrialização de Vitória, uma vez que a escassez de ofertas de emprego permitiu que houvesse a força de trabalho necessária para os empreendimentos e ainda foi responsável pela formação de um exército de reserva que assegurava o modo de produção capitalista.

No Brasil, o processo migratório do campo para a cidade ocorreu de forma distinta: houve uma fase, na metade do Século XX, em que se criou muito emprego no setor industrial, mas nos últimos 30 anos o

emprego industrial já não cresceu. O crescimento da população urbana inchou as cidades, mas nelas não se criou emprego suficiente para absorver toda essa gente, daí as taxas de desemprego crescentes, a marginalidade. (PACHECO, 2008:4).

O exército de reserva, formado por uma grande massa de miseráveis, ainda sofre pelas mãos de um sistema de produção que gera um déficit social permanente. O inchaço da cidade foi seguido por insuficientes planejamentos urbanos, a distribuição de renda que deveria proceder ao trabalho assalariado não aconteceu, o econômico e o militar eram continuamente priorizados em detrimento de projetos de justiça social para a população (Santos, 1997, in Dadalto, 1995).

A urbanização acelerada trouxe consigo problemas infra-estruturais sociais, tais como favelização, degradação ambiental, deficiências de pavimentação, saneamento e serviços diversos, problemas que na atualidade ainda se encontram carentes de solução. (DADALTO, 1996:20)

Na década seguinte, o distrito de Goiabeiras – parte continental da cidade – passa a receber um incremento populacional maior do que a média do município. No distrito encontram-se bairros como Mata da Praia, Jardim Camburi e Jardim da Penha, que possuíam muitas áreas livres com terrenos a preços baixos, contudo, essas áreas se tornaram fontes de especulação imobiliária. O crescimento, por sua vez, não solucionou a pobreza estrutural. Em paralelo ao binômio exploradores e explorados estão a especulação imobiliária e a sub-habitação.

Até o começo do século XX, Jardim da Penha fazia parte de um latifúndio pertencente ao capitão Justiniano Azambuja Meyrelles, a fazenda Mata da Praia, que abrangia também os bairros Mata da Praia e Morada de Camburi. Posteriormente, nos anos 50, o latifúndio deu lugar a um loteamento planejado que teve como modelo a cidade de Belo Horizonte. Os primeiros lotes vendidos localizavam-se onde hoje está o Jardim da Penha e poucas alterações foram feitas ao traçado original.

A partir na metade da década de 70, o bairro recebeu pequenos conjuntos habitacionais de apartamentos destinados à classe média baixa. Os anos 80 e 90 foram um período de grande expansão. Nesses primeiros conjuntos surgiram edifícios, que traziam mil novos moradores ao ano.

Atualmente, Jardim da Penha possui uma população de 30.571 habitantes, segundo senso do IBGE de 2010. Devido à proximidade com a Universidade Federal do Espírito Santo, a região atrai uma população jovem formada por funcionários públicos, estudantes universitários e profissionais liberais.

Outra particularidade das construções de Jardim da Penha é a ausência de playgrounds na maioria dos prédios, as áreas de lazer do bairro estão distribuídas entre suas sete praças, fato que garante uma maior interação entre os habitantes e constitui uma luta dos moradores para que o direito à permanência dessas áreas seja assegurado pela prefeitura.

METODOLOGIA

A etnografia compreende pesquisas sobre grupos sociais a partir de seu caráter antropológico e cultural, dentre outros fatores. Quando a fotografia se porta como o cerne de uma pesquisa antropológica trata-se de uma Fotoetnografia. Esse tipo de pesquisa não só é importante para a retratação visual de uma determinada etnia, como também pode ser utilizada na comparação anacrônica desse grupo, já que toda e qualquer sociedade está sujeita a transformações em hábitos ou comportamentos conforme o tempo.

A partir dos estudos de campo o pesquisador consegue extrair uma linha tênue entre o grupo pesquisado e as técnicas fotográficas adequadas para retratá-lo. É importante ressaltar que a análise do objeto não deve se pautar apenas na pesquisa de campo, mas ter como base um fim científico proeminente. Além disso, também é necessário ao fotógrafo ter conhecimento em antropologia, ou ao próprio antropólogo possuir habilidades fotográficas, para que não se distorça o objetivo real da pesquisa em questão. A fotografia é um processo de abstração, embora seja em si um processo vital para a análise.

Esse domínio técnico aliado ao olhar treinado do antropólogo pode levar à construção de um trabalho fotoetnográfico que venha a ser relevante, não só como mais uma das técnicas de pesquisa de campo, mas também como uma outra forma narrativa, que somada ao texto etnográfico, venha enriquecer e dar mais profundidade à difusão dos resultados obtidos. (Achutti 1997, p.64)

O artista estadunidense Collier Junior, que dedicou parte de seu trabalho à fotoetnografia, faz uma consideração importante sobre o processo de amostragem. Diferente da documentação fotográfica por si só, tal projeto utiliza na fotografia o sentido de complementar-se a outros mecanismos para fins de identificação ou comparação, como é o caso da **foto-entrevista**. Desse modo, o trabalho de amostragem não se trata de um relato exclusivamente fotoetnográfico, e sim da fotografia somada à antropologia visual, que também se enquadra como instrumento de análise científica.

A imagem, hoje, não pode mais estar separada do saber científico. A Antropologia não dispensa os recursos visuais – e não são recursos apenas como um suporte de pesquisa, mas imagens que agem como um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural. A Antropologia Visual não almeja, dentro dos novos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente compreender melhor o que o outro tem a dizer para outros que querem ver, ouvir e sentir.”
(Andrade, 2002, p.110-111)

Tendo como base o discurso acima, o artigo em questão assume como metodologia os estudos e documentações fotoetnográficas de Collier Junior na construção de uma amostragem que se dá em forma de foto-entrevista. A pesquisa acompanha o relato dos autores que passaram vários dias coletando vivências de moradores de rua próximos a Praça Regina Frigeri Furno, além de sua relação com esse espaço e com os outros habitantes que nela circundam ou dependem. Os relatos são dispostos de narrativas variadas, já que cada protagonista detém um comportamento diferenciado para com a abordagem dos pesquisadores. Essa variação de hábitos e costumes mostram as dificuldade em estabelecer uma vertente teórica como fundamento já que em cada entrevista os pesquisadores obtinham uma análise completamente divergente das outras, além de muitas expectativas terem se tornado obsoletas conforme a manifestação desses personagens. Tendo em vista tal análise, a fotografia é indubitável para construção de tal projeto, pois busca retratar com naturalidade o depoimento de cada morador, assumindo a forma visual e particular de cada discurso proferido. “A fotografia é um processo de abstração, embora seja em si um processo vital para a análise. Assim, quando fotografamos, devemos nos considerar empenhados num trabalho de sutilezas” (Collier Junior, 1973, p. 44-45).

Para a realização a contento deste Projeto de Pesquisa, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos:

- 1) Num primeiro momento, foi feito um profundo e rigoroso levantamento bibliográfico sobre o conceito de praça em seu sentido amplo, procurando associar a etimologia da palavra ao contexto histórico de aplicação.
- 2) Também foi importante para o procedimento da pesquisa um mapa geográfico da área a ser estudada – bairro Jardim da Penha. Esse levantamento teve como questão explicitar a importância do local escolhido representado a partir de dados históricos e demográficos sobre a região, assim como outras particularidades (importância sociocultural, econômica, etc).
- 3) A Terceira fase da metodologia de trabalho esteve compreendida na pesquisa de etnografias que, sobretudo analisam a relação de uma determinada classe desfavorecida em um espaço público contrastado pela desigualdade. Para tal, foi considerado, em procedência, narrativas documentadas sejam elas audiovisuais ou escritas, como, por exemplo, algumas das experiências antropológicas realizadas pelo sociólogo português Boa Ventura de Sousa Santos em áreas periféricas brasileiras.
- 4) Análise de projetos fotográficos direcionados a classes minoritárias foram observados com a finalidade de captar na fotografia a essência de como essas pessoas são abordadas visualmente no espaço em que estão inseridas.
- 5) Inicialmente tinha-se como objetivo coletar ao menos, 10 relatos distribuídos em entre a primeira quinzena do mês de Junho, até o dia 15 do mês seguinte. Durante esses dias entramos em contato com aproximadamente sete andarilhos, ao passo que selecionamos três relatos para a referida pesquisa. Dentre todos os moradores de ruas abordados, tiveram aqueles que se indispueram a dar seu parecer, outros estavam trabalhando e não podia nos atender no momento, e até alguns depoimentos tiveram que ser desconsiderados devido as condições de alguns desses indivíduos.
- 6) Por fim, a coleta de todas as análises feitas em campo somado ao material pesquisado anteriormente foram de grande proficiência para uma produção (foto-entrevista) que aborda o ponto de vista dos moradores de rua em um espaço considerado como centro de comunicação mutua.

OS MORADORES E A PRAÇA

Luís



**Dia 27 de Junho de 2015 –
Sábado.**

Saímos um pouco frustrados para nossa primeira entrevista de campo às 18:20. Já era de nosso entendimento que os moradores da praça não a habitavam nos dias de chuva, e

ao depararmos com um céu escuro e rosado concluímos que o tempo não colaboraria com a nossa primeira matéria.

Ao chegarmos, encontramos a praça praticamente deserta, a não ser por alguns frequentadores costumeiros: uma mãe vigiava a filha a brincar no parquinho, comerciantes observavam de dentro de suas barracas as cadeiras vazias, alguns senhores sentados em bancos distintos pareciam refletir sobre a vida e até então nenhum morador de rua se encontrava por ali.

Depois de dar várias voltas em vão, compramos cigarros em uma banca de revistas próxima e ao voltarmos deparamos com um dos primeiros sem-teto que circulava na em direção à rua. Tal indivíduo costumava frequentar a universidade e muitas vezes pedia tinta para espalhar no próprio corpo, por isso sempre chamava atenção por onde andava, não sendo despercebido pelo nosso grupo de entrevistadores naquele sábado.

Um de nós logo se aproximou para aborda-lo. Infelizmente a inexperiência e a ansiedade foram cruciais para não deixar nosso primeiro entrevistado seguro o suficiente. Com um

olhar desconfiado, nos falou que [...] “*não tinha relação nenhuma com a praça*” [...], muito menos possuía algum vínculo com alguém que habitava ali, deixando-nos rapidamente.

Vinte minutos após a nossa primeira tentativa de entrevista, avistamos aquele que seria nosso primeiro depoente. Mas o personagem já possuía nos arredores da praça o histórico de ser agressivo, dotado de um comportamento aparentemente bipolar. Desse modo, um dos componentes do grupo se dispôs a ir primeiro conversar com ele e em seguida confirmar aos outros estudantes se o referido aceitaria dar seu parecer sobre sua relação com Praça do Epa⁷. O homem, que aparentava estar na faixa de uns 30 anos, pareceu surpreso com a chegada de um dos estudantes. Ao entender o motivo daquela conversa se dispôs a falar com o restante dos universitários, estendendo-se para além de nossas indagações na única entrevista feita naquela naquele sábado chuvoso.

Se apresentando como Luís, o homem não quis seguir à risca a entrevista, divagando sobre nossas perguntas, como se pode evidenciar no relato abaixo.

“[...] Pelo o que eu aprendi na escola, quando se fala de pesquisa etnográfica se fala de etnias diferentes, povos diferentes [...] Então acho que você quer estudar a pracinha na forma que as pessoas se comportam naquele espaço. Qual o seu fluido com as pessoas próximas. Eu vou passar em frente a você sem gerar uma reação estranha entre nos dois – explica dando um volta em torno de um dos estudantes-. Essa é uma percepção. Mas são varias percepções. Tem pessoas que passam em frente a você [na praça] e te enxergam como um cidadão comum na sociedade. Com igualdade, independente de como você é, de onde veio, a que patamar social pertence. Sem ver enxergar no outro uma ameaça social. Mas tem pessoas que vão passar por você como uma certa diferença. [...] Acho que as coisas só vão surtir efeito na sociedade quando houver uma igualdade entre as partes. Por exemplo, eu passo diante de você com a maior naturalidade do mundo. Mas o necessário e que você também passe por mim e me enxergue como um ser humano comum. As pessoas precisam estar de acordo nesse espaço comum de todos. Nesse sentido, a praça tem que

funcionar nesse sentido; para que nós estejamos sempre unidos: observado o outro, interagindo e se regulando.

[...] não é que eu veja a desigualdade social como um problema, mas ela influencia nesse processo de tratamento entre as pessoas. Quando você está nessa condição que eu estou agora, sujo, vocês pensam que eu me sinto contente de estar conversando com vocês sabendo que eu sou um cidadão igual a todo mundo? Eu teria que ter raiva de cada um de vocês agora. Vindo saber como está a minha vida? Vocês tinham que me ajudar e não perguntar como eu estou passando! Eu não deveria nem te dar a oportunidade de falar. Eu deveria despejar em você. ` Sai daqui moça! Vai caçar outro pessoal pra falar ` . Então influencia. Por mais tratável que essa diferença social seja [...]

[...] a minha intimidade com praça... Até que com essa praça [Pracinha do Epa] eu não tenho tanta intimidade. Eu não sei. Pra Mim, ela não tem um ar de praça. Mas a minha intimidade histórica com esse espaço surgiu porque sou um grande freqüentador de praças. Eu sou de Belo Horizonte, Minas Gerais. E quem conhece BH sabe que lá tem muitas praças. A Praça Sete, da Estação, Liberdade, JK. Lá tem muito dessa da tradição de sentar, ter seu momento, fumar um cigarro, conversar. Eu não sei dos outros, mas na minha vida sempre tive a necessidade de ‘estacionar’. Como Belo Horizonte é uma cidade muito grande, e como vocês podem ver que eu não sou rico, sempre tive que procurar serviço, fazer alguma besteira pra me sustentar. Então acabava que andava por BH inteira. E assim nasceu minha intimidade e história com esse tipo de lugar ”.

Luís não se ateu a contar mais de sua história. O jovem de 28 anos diz não se interessar nesse tipo de abordagem. Prefere muito mais refletir sobre a importância de como as praças se inserem em um meio social (centro de comunicação), o que observa de ruim nessa área (o tratamento inferior recebido, motivado pela desigualdade social) e ainda concluiu que a “igualdade entre as partes” seria o ponto chave para que todos os agentes que usufruam desse espaço tenham o mesmo respaldo.

Alegando não achar “nada de interessante” na Praça em questão, o morador de rua é sempre visto pelos arredores do lugar, espaço onde dorme e recebe auxílio de comerciantes e residentes próximos ao terreno.

Juracir

Dia 4 de Julho de 2015 – Sábado.



Todos os dias, qualquer passante da Praça do Epa passa por ele, pela manhã na rua Comissário Otavio Queiroz lavando carros e a noite na Avenida Luiz Manoel Vellozo, duas das artérias da praça. De corpo franzino e traços convencionais, os cabelos esbranquiçados pelo tempo, Juracir. A maioria provavelmente não chega a calcular a importância de seu nome, ou se ele tem

um, mas quando o abordamos, na noite fria do dia 4 de julho do ano de 2015, nos deparamos com algo singular.

Eram 21:46H. e o avistamos de longe. Como estava um pouco tarde e já tínhamos conversado com ele antes, para nos ambientar ao projeto, decidimos que se estivesse dormindo ou indisposto não insistiríamos, contudo por sorte ele estava acordado e cordial como de costume.

Comprimentou-nos de forma bastante amigável e explicamos que precisaríamos o entrevistar novamente, o que aceitou em meio a piadas. Informamos nosso objetivo e ele autorizou que gravássemos a nossa conversa, recordamos o primeiro encontro e citamos nossas dúvidas iniciais ligadas a relação dele com a praça.

Juracir começou a conversa frisando que “*não se mistura*” com os outros moradores dos entornos da praça, perguntamos se por razão de algum atrito, o que ele nega por afirmar não ter inimizade com ninguém, mas prefere não se envolver. Trabalha o dia todo e só dorme na rua, ele lava carros na rua da feira, uma das “*artérias da praça*” e escolheu esse lugar estratégico por conta do movimento de carros. [...] “*Ali eu tenho 5, 6 ou 8 carros todos os dias para lavar*” [...]

Juracir, que mora há 4 anos no mesmo lugar, já criou uma relação de amizade com os comerciantes e moradores locais e já é conhecido por todos, conta que se sente protegido no local no qual se encontra e deixa claro que nunca se envolveu em confusão alguma. [...] “*Uma vez roubaram meu carrinho cheio de roupas e tudo, no outro dia eu ganhei um igualzinho cheinho de roupas de novo*” [...]

Conta que veio de Medeiros Neto na Bahia por conta de um amor, conheceu a moça lá e se mudou para cá, viveu vinte anos com ela, mas por conta de uma complicação no pâncreas, sua esposa veio a falecer, ele diz que isso o levou às ruas, Juracir nunca mais procurou outro amor. [...] “*Acertar uma mulher é igual acertar na mega-sena, uma vez só*” [...]

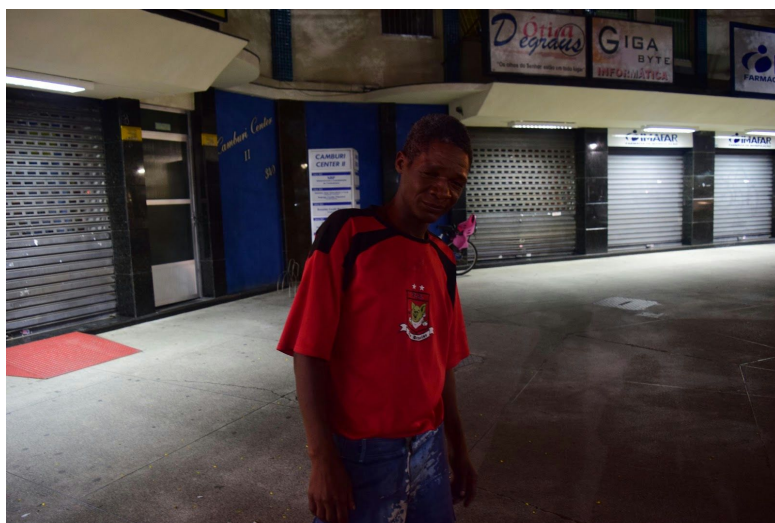
Juracir também fala de sua família, ele tem uma irmã que mora em São Paulo, muito religiosa e esposa de um homem bem sucedido, ele diz que ela já o ofereceu ajuda mas que a condição proposta seria que ele parasse de beber.

Ele também reclama dos outros moradores, que fazem muita sujeira com comidas e necessidades fisiológicas ali perto de onde dormem, o local de abrigo de Juracir é extremamente limpo, nos sentamos bem próximo dele e observamos isso.

Um homem com fala macia e discurso coerente, tem 56 anos e estudou até o ensino médio com padres Holandeses em Amsterdã, diz conhecer a bíblia por completo, tem a fé em Deus como aliada, mas não declara ter religião nenhuma. [...] “*Eu não peço nada pra ninguém, tudo o que eu tenho vem na minha mão porque Deus me dá, vocês me veem dormindo na rua, tá ruim? Pra mim tá a maior felicidade, eu gosto.*” [...]. Juracir é um homem extremamente lucido, acredita que fez por merecer sua realidade e se mostra esperançoso quanto a seu futuro.

[...]“Eu to achando que a minha história vai parecer com aquele cara que perdeu tudo, mas não perdeu a fé de Deus, a minha vida é mais ou menos isso aí, eu fui designado a um caminho e eu desviei do meu caminho. Eu não vou perder a fé, porque eu não tenho nenhuma doença, já pensou se eu tivesse uma doença?...E u tenho esperança que uma hora eu vou sair dessa também, eu trabalho honestamente” [...]

Geneci



**Dia 09 de Julho de 2015 –
Quinta feira.**

A última noite de imersão chegou para nós em uma quinta feira quente, avessa às nossas outras experiências do período de estudo etnográfico. O grupo se reduzira, éramos

apenas duas a praça movimentada, efervescente, barulhenta. À medida que procurávamos por nossos personagens percebíamos o vínculo que construímos com aquele espaço, que se fazia hoje um lugar de intimidade para nós.

Naquela noite, percorremos o ambiente e imediações mais de uma vez, sem encontrar quem pudesse falar conosco sobre sua experiência como morador de rua daquele lugar. Passamos por Juraci, com quem havíamos conversado em uma das noites anteriores, preparava-se para dormir na entrada da loja cuja cobertura lhe servia de abrigo. Sabíamos que seria doloroso abortar aquela última tentativa, ainda que nosso fracasso fosse incontestável.

Estávamos sentadas em um dos bancos, em parte resignadas, mas com esperança o suficiente para nos fazer permanecer ali observando as pessoas que passavam, quando percebemos uma pequena aglomeração em uma das vias que desembocavam na Praça Regina Frigeri Furno.

Aproximamo-nos com certa cautela e passamos a ouvir vozes alteradas, suspeitando de que ocorria uma briga, porém, conforme as vozes ficavam mais compreensíveis, percebemos que acontecia uma espécie de culto protestante, onde a pregadora gritava de forma bastante contundente que Jesus tinha um projeto preparado para a vida de cada um ali.

O encerramento da evangelização foi seguido de doação de alimentos para aqueles que ouviram a pregação. Esperamos uns instantes antes de fazer a abordagem, pois nem todas as pessoas que participaram estavam em situação de rua. Por fim, enquanto o grupo se dispersava, identificamos um senhor que havia nos interpelado em outro dia, numa outra região do bairro, além dos limites de nosso estudo.

[...]“Meu nome? Qual é o primeiro livro da Bíblia?”[...], devolveu com outra pergunta. [...]“Meu nome é Geneci.”[...] “O motivo de ter tanto morador de rua por aqui é muito simples, vou falar para vocês, é que ali [no Epa] tem água gelada, banheiro... E depois que o supermercado fecha também nos dão comida.” [...] Deu-se assim o nosso encontro com Geneci, terminando pelo começo.

Não nos contou o porquê de ter ido morar nas ruas, mas falou brevemente sobre o seu histórico familiar.*[...] “Eu tive esposa, hoje sou divorciado, mas nós tivemos três filhos. Uma é caixa em um supermercado, o outro trabalha no shopping e tem outro que trabalha no restaurante com a mãe.”[...].*

Disse que era de 1975, e 30 dos seus 40 anos ele viveu em Vitória, a infância passou em uma cidade do interior de Minas Gerais *[...] “Eu já gostei de Vitória, hoje não gosto mais. Agora tudo que eu queria era voltar para roça, mas é uma coisa que não posso, então vou ficando por aqui.”[...].*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o projeto, pretendia-se aliar dois estudos: a praça como um lócus de comunicação relatada segundo a perspectiva dos moradores de rua que a habitam. Só através das entrevistas conseguimos estabelecer um parâmetro sobre este espaço e sua utilidade para o seus fies residentes.

A praça traz para além de seu elemento físico, importâncias variadas para nossos entrevistados. Em quanto que na visão de Luís, este espaço não adquiri nenhuma significância, é imprescindível a relevância do mesmo local para o rapaz, já que fez dos arredores da *Pracinha do Epa* sua residência fixa, onde dorme e pede por ajuda. Em contrapartida, Juracir aparenta ter uma maior relação afetiva com o lugar, sendo figura notável no bairro a ponto de possuir menor repreensão social por parte de seus moradores e comerciantes. Mesmo assim, desaprova a ocupação da praça por parte de outros moradores de rua. Por último, o relato de Geneci demonstra um elo de subsistência com o terreno, se alojando na praça pelos auxílios recebidos, o que não esconde o descontentamento em relação ao local em que está inserido.

A praça Regina Frigeri Furno funciona como um centro de comunicação ao passo que concentra multifuncionalidades (social, econômica, cultural, religiosa, etc) em torno de um único espaço. Por apresetar essa característica híbrida, pode ser considerado um pequeno reflexo do Bairro Jardim da Penha que a tem como referência, apresentado, sobretudo, um agravante condizente com a região metropolitana de Vitória: a desigualdade social.

REFERÊNCIAS.

ANDRADE, Rosane de, *Fotografia e Antropologia: Olhares ForaDentro*, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson, *Fotoetnografia: um Estudo de Antropologia Visual sobre o Cotidiano, Lixo e Trabalho*, Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

COLLIER JUNIOR, John, *Antropologia Visual: a Fotografia como Método de Pesquisa*, (Tradução de Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro), São Paulo: EPU/Edusp, 1973.

CAMPOS JUNIOR, Teixeira Carlos. *O capitalismo do espaço: a construção civil*. Vitória (E.S.). São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Usp. 1993. (Tese de Doutorado)

BONI CESAR PAULO, Moreschi Maria Bruna. *Fotoetnografia: A Importância da Fotografia Para o Resgate Etnográfico*. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni. Acesso Em: 27 Junho 2015.